

CORREIO ECONÔMICO

POR MARCELLO SIGWALT



Arrecadação de 4 blocos deve atingir R\$ 522 bilhões

CNPE autoriza licitação de quatro blocos do pré-sal

O Conselho Nacional de Política Energética (CNPE) anunciou, nessa terça-feira (18), que mais quatro blocos do pré-sal serão licitados em regime de partilha de produção no sistema de Oferta Permanente da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). Eles estão localizados na Bacia de Campos, entre Espírito Santo e Rio de Janeiro.

Partilha

No regime de partilha, a empresa que explora o local dá parte da produção ao governo federal, que pode revender o óleo. Segundo a Agência Nacional do Petróleo, quase 80% da produção dos 4,3 milhões de barris de petróleo no ano passado foram extraídos no pré-sal.

A expectativa é que o certamente implique arrecadação de mais de R\$ 522 bilhões durante a vida útil dos projetos. Quase R\$ 1 bilhão em bônus de assinatura devem entrar neste ano. Também são esperados R\$ 511 bilhões em investimentos. Na avaliação do Ministério de Minas e Energia, o próximo leilão, previsto para junho, pode ser o maior já realizado.

Descoberta

A decisão do CNPE é anunciada logo após a descoberta pela Petrobras, na última sexta-feira (14), de uma nova camada do pré-sal na Bacia de Santos, a uma profundidade de 5.600 metros, após testes com perfis elétricos gerados por uma sonda na nova perfuração.

Agência de notícias da indústria



Comando do BC mudou, mas ideia de autonomia, não

'Novo' BC continua a defender PEC de autonomia

À revelia do fato de o comando da autoridade monetária estar nas mãos de um indicado do mandatário petista, o Banco Central (BC), no momento, negocia com áreas do governo, a aprovação do texto da Proposta de Emenda à Constituição que concede autonomia financeira, administrativa e orçamentária à autar-

quia (PEC 65).

A surpresa decorre do fato de que, até a mudança de composição do Copom, a diretoria do colegiado era favorável à Proposta e que tal posição se manteve, a despeito da nova formação. De concreto, o presidente da CCJ, senador Otto Alencar (PSD-BA) vai conversar com o chefe do BC, Gabriel Galípolo.

'Panos quentes'

Embora seja contrário à medida, Alencar ponderou que as decisões serão tomadas de forma coletiva e pela maioria da CCJ. "Não vou impor minha vontade", amenizou. Mesmo que as negociações estejam no início, a expectativa geral é de que o texto seja aprovado este ano.

Aliança

Prevenção e repressão de golpes e crimes cibernéticos, o Ministério da Justiça e a Febraban lançaram, nessa terça-feira (18) a Aliança Nacional de Combate a Fraudes Bancárias e Digitais, em favor da parceria com a Polícia Federal, para centralizar os canais de denúncia.

Interrogação

Enquanto o Congresso Nacional não se pronuncia, é notória a posição presidencial, de inteiramente contrária à PEC em 2021, para uma postura mais tolerante em relação à autonomia do BC, sobretudo após fazer o sucesso do desafeto Campos Neto.

Grupo de trabalho

A iniciativa decorre de acordo técnico firmado, em agosto último, entre a pasta e a federação, para formação de grupo de trabalho coordenado pela Secretaria de Direitos Digitais da pasta, a definição de diretrizes por um comitê gestor e fóruns de discussão bimestrais.

Economista-chefe do Itaú propõe volta do teto de gastos

Mesquita: medida deve ser retomada, seja qual for o próximo presidente

Por Marcello Sigwalt

Como a atual política fiscal é um 'autoengano', o mais correto a fazer seria o retorno do regime de teto de gastos, antecessor do arcabouço em vigor. A proposta foi levantada pelo economista-chefe do banco Itaú – maior banco privado nacional – e ex-diretor do Banco Central (BC), Mário Mesquita, para quem, a regra de equilíbrio fiscal deve ser retomada, 'por quem quer que vença as eleições presidenciais no ano que vem, de modo que as taxas de juros do país voltem a ser 'civilizadas'.

O posicionamento de Mesquita é compartilhado por outros economistas de destaque do mercado, em favor da recuperação do princípio de disciplina fiscal, ainda que os ativos nacionais tenham apresentado recuperação neste início de ano, após a forte alta do dólar e a disparada dos juros futuros, na reta final de 2024, que se seguiu à decepção geral ante o pacote federal de contenção de gastos.



Marcos Santos/USP imagens

Para o mercado, princípio fiscal de teto de gastos é senha para equilíbrio de contas públicas

Ao fazer menção à regra que vigorou, de 2017 a 2023, Mesquita enfatizou que "o único regime que permitiu ao Banco Central buscar meta de inflação com taxas de juros nominais e reais mais baixas, mais parecidas com o que você tem nos outros países, foi o teto de gastos", que se caracterizava pela limitação do crescimento

das despesas públicas à variação da inflação.

"Achar que a gente vai ter taxa de juros nominal e real civilizada, em linha com o que você observa em outros países, com a política fiscal que o Brasil tem é meio autoengano", na avaliação do economista-chefe do Itaú.

Economistas se preocupam

com a resistência do mandatário petista em aplicar um ajuste fiscal mais rigoroso, diante de um cenário de crescimento explosivo da dívida pública, a reboque da elevação 'agressiva' da Selic, a título de controlar a inflação, que é alimentada por uma economia aquecida, sem contar uma taxa de câmbio ainda enfraquecida.

Produção industrial cai em janeiro

A produção da indústria caiu na passagem de dezembro para janeiro, aponta a Sondagem Industrial divulgada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) nesta quarta-feira (19). O índice ficou em 48,9 pontos, abaixo da linha de 50 pontos, que separa aumento de queda na produção do setor.

O levantamento mostra que a produção diminuiu nas pequenas e médias empresas, mas cresceu entre as grandes. No

recorte por região, o indicador revelou queda da produção nas indústrias do Centro-Oeste, Norte e Sudeste. No Nordeste e no Sul, a produção cresceu.

"Normalmente, a produção acelera no fim do terceiro trimestre para atender as festas de fim de ano. Após isso, é normal que a produção caia, mas é importante notar que, em 2025, ela foi mais branda que em outros períodos semelhantes", compara Marcelo

Azevedo, gerente de Análise Econômica da CNI.

O emprego industrial ficou praticamente estável no primeiro mês de 2025. Em janeiro, o índice de evolução do número de empregados ficou em 49,6 pontos. Assim como a produção, o emprego avançou nas grandes indústrias, mas recuou nas pequenas e médias. A quantidade de trabalhadores nas indústrias do Centro-Oeste e do Sul subiu, mas caiu no Nordes-

te, no Norte e no Sudeste.

Após avançar 1 ponto percentual frente a dezembro, a Utilização da Capacidade Instalada (UCI) fechou janeiro em 69%. Trata-se do 11º mês consecutivo em que a UCI supera médias mensais da série histórica, subindo nas grandes indústrias, manteve-se estável nas médias e recuou nas pequenas. No recorte por região, a UCI só não avançou no Norte e no Centro-Oeste.

Bancos pesam e Ibovespa cai 0,71%

Ibovespa oscila para baixo (-0,71%), ainda acumulando alta de 0,93% no mês. No ano, sobe 5,84%.

A Petrobras, que resistia até o meio da tarde, passou a operar sem direção única, mas conseguiu fechar em alta de 0,40% na ON e de 0,21% na PN. Vale ON perdeu 0,09%, limitando o ajuste no encerramento, enquanto a correção entre os grandes bancos ficou entre -0,93% (Itaú PN) e -2,00% (Banco do Brasil ON). Em paralelo, o dólar à vista fechou a sessão em alta de 0,66%, a R\$ 5,7267.

Na ponta ganhadora do Ibovespa, CPFL (+1,72%), Caixa Seguridade (+1,06%), SLC (+0,98%), Embraer (+0,66%) e Suzano (+0,64%) – com as ações da fabricante de aviões e da empresa do setor de papel e celulose sendo beneficiadas pelo avanço do dólar frente ao real, com exposição



Valter Campanato - Agência Brasil

Bolsa brasileira volta a cair, na sessão dessa quarta-feira

a receitas derivadas de exportações. No lado oposto, CVC (-9,31%), LWSA (-8,18%), Pão de Açúcar (-7,17%), Vamos (-5,27%) e Localiza (-4,84%) – empresas em geral sensíveis a juros e correlacionadas ao ciclo doméstico, que refletiram, hoje, o "repique de alta" na curva do

DI, aponta Anderson Silva, head de renda variável e sócio da GT Capital, que nota "um movimento de correção natural no Ibovespa, após o início do atual movimento altista de curto prazo, na faixa dos 120 mil pontos". E destaca a boa temporada de resultados trimestrais

de empresas listadas na B3, com apenas "algumas exceções".

"Dia difícil para o mercado brasileiro, de correção natural desde cedo para os ativos locais. E com a ata do Fed trazendo poucas novidades à tarde, com tendência de manutenção da pausa nos cortes de juros americanos por mais tempo conforme as falas mais recentes de autoridades do BC dos Estados Unidos", diz Matheus Spiess, analista da Empiricus Research.

O mercado segue atento aos sinais de inflação por lá, já que uma eventual retomada do ciclo de alta de juros americanos poderia impactar diretamente os mercados emergentes, observa Silva, da GT Capital. Tal indefinição, segundo ele, em parte explica o fluxo de capital ainda "tímido" para a Bolsa brasileira – apesar da "luz no fim do túnel", ante a chance de encerramento próximo do ciclo de alta da Selic.

Leilão do Tesouro 'turbina' os futuros

Juros: DIs longos avançam enquanto investidor se prepara para leilão do Tesouro

Os juros futuros longos aceleraram alta no período da tarde, pressionados pela expectativa do mercado de que o Tesouro oferte um lote expressivo de títulos prefixados no leilão de quinta-feira. Operadores também mencionam espaço para realização, respaldado no dólar no nível de R\$ 5,72 e considerando que a curva vi-

nha perdendo prêmio de risco principalmente nos contratos a partir de 2029. Já o vértice curto fechou perto da estabilidade.

A taxa de depósito interfinanceiro (DI) para janeiro de 2026 fechou em 14,685%, de 14,683% no ajuste anterior. O DI para janeiro de 2027 subiu a 14,685%, de 14,564%, e o para janeiro de 2029 avançou para 14,480%, de 14,296% ontem no ajuste.

Considerando que o Tesou-

ro conseguiu vender integralmente os 5 milhões de Notas do Tesouro Nacional – Série B (NTN-B) ofertados no leilão de terça-feira, a expectativa do mercado é de que a autoridade novamente coloque um lote expressivo para o leilão de prefixados, amanhã (20).

"O mercado já puxa o DI hoje. Quem tem posição aplicada no DI acaba 'tirando o pé' ao saber que o Tesouro tem feito leilões grandes, e isso cau-

sa uma alta nas taxas", afirma o estrategista Tiago Castro, da Cambirela.

Destaque da agenda escassa desta quarta-feira, a ata do Federal Reserve (Fed) não trouxe novidades e é "até um pouco antiga, pensando que houve uma quantidade de informações novas grande, por exemplo tarifas, vindo dos EUA desde a última reunião", comenta o economista-chefe da Frente Corretora, Fabrizio Velloni.